

CADERNO DE

# ASMA

5ª EDIÇÃO - ANO 11



## A asma criadora de Jorge de Lima

**Francisco Costa**, editor da Revista USP e assessor cultural do Centro de Estudos e Pesquisas Karl Kleist

**Rubens de Campos Filho**, médico-psiquiatra, escritor, presidente do Centro de Estudos e Pesquisas Karl Kleist e asmático



Sílvia Meyer, retrato de Jorge de Lima aos 53 anos, 1946

O asmático desta edição é um poeta, crítico e pintor da mais alta expressão dentro da literatura brasileira: Jorge de Lima. Jorge Mateus de Lima nasceu em Alagoas, em União dos Palmares a 23 de abril de 1895.

Sua vocação poética foi precoce: aos 14 anos publicou o soneto *O Acendedor de Lampiões*, que lhe trouxe fama. Estudou Medicina em Salvador e no Rio de Janeiro, onde se formou em 1914. Foi professor de História Natural na Escola de Alagoas e, como diretor da Saúde Pública, introduziu em seu Estado os métodos de higienização urbanística de Miguel Couto. Eleito deputado estadual em 1926, após quatro anos rumou para o Rio de Janeiro, onde se exilou politicamente.

No Rio, Jorge de Lima recebeu os prêmios Graça Aranha pela novela *O Anjo* (1934) e o da Academia Brasileira de Letras pelo livro de poemas *A Túnica Inconsútil* (1935). Voltou-se para a política novamente e foi eleito sucessivamente vereador (1946) e presidente da Câmara do então Distrito Federal. Seus últimos anos de vida ele os dividiu entre a clínica e a poesia. Desde 1949 até 1953, quando morreu, foi responsável pela cátedra de Literatura da Universidade do Brasil e da Pontifícia Universidade Católica.

O poeta Jorge de Lima migrou, com o passar da existência, do neoparnasianismo adolescente para o expressionismo místico, hermético, católico, sem se esquecer da pitada de surrealismo, movimento com o qual manteve forte namoro. Sua obra maior, *Invenção de Orfeu* (1952), extenso poema épico, reúne todos esses ingredientes finamente depurados.

Vamos à asma do poeta. Num livro representativo da coleção *Artistas Brasileiros*, editado pela Edusp e consagrado ao também pintor bissexto Jorge de Lima, a professora Ana Maria Paulino lembra a presença da asma como influenciadora da vida e da obra de Jorge de Lima. Veja os versos extraídos pela autora em *Anunciação e Encontro de Mira-Celi: Menino doente/entra pra casa/antes que a asma/roube teu sopro*.



Musas da infância ungiam meus sentidos.  
Eram musas infantes ou fantasmas?  
O meninos, o noites, o sobrados!

Nos éramos meninos evadidos  
nas insônias das febres e da asma,  
os olhos pelas noites acordados.  
E também vinham claunes embriagados  
e sonômbulas gatas borralheiras,  
sombrias errantes, sombras forasteiras,  
rostos em cal e cinzas transformandos.

Nas noites enluaradas as olheiras  
das donzelas suicidas dos sobrados  
iluminavam aves agoureiras  
e cães vadios tísicos e odiados.

Ana Paulino é uma fina observadora tanto da vida como da arte do poeta, tanto assim que estes registros estão numa seção do ensaio introdutório de seu livro intitulada "A Origem da Plasticidade na Linguagem. A Asma. A Febre. A Insônia". Ela conta que a "asma alérgica" do autor se iniciou "entre os 6 e 7 anos".

Ou ainda as linhas contidas em *Minhas Memórias*, 1952: "...Num tronco de jatobá repousa ao sol um filhote de camaleão, tão doce como eu nunca vira, tão mais verde que a folha de cana, os olhinhos vivos mas amáveis e uma linguinha fina vibrando como asa de libélula... mal eu ia empalmando aquele lagarto bellissimo, a minha mão e o meu braço e o meu rosto, e daí todo o meu corpo se cobriu de cocéira... apenas me levam à casa, aquela cocéira enfeitada desaparece como por milagre, para ser substituída por asma que encheu minha meninice de insônia e falta de ar".

## ASMA E ARTE NOSSA CAPA

### A dor e a alegria num mundo pulmonar

**Rubens de Campos Filho**, médico-psiquiatra, escritor, presidente do centro de Estudos e Pesquisas Karl Kleist e asmático

(Figura da norte-americana Stephanie, correspondente no calendário da Zeneca a março de 1998)

Dentro da análise que temos feito a respeito dos jovens pintores asmáticos, esta tem uma peculiaridade diante das demais, sobre as quais já escrevemos. Trata-se de uma jovem que coloca o seu mundo interior pulmonar – portanto, suas partes internas – já craveado, como se feito de árvores, endurecido – como se assim fosse a sua respiração. Tão jovem e já sabendo que seus pulmões não podem receber a vida, isto é, o ar.

E, ao mesmo tempo, a pintora coloca as figuras nocivas ao seu pulmão: as drogas e o cigarro. E, juntamente, o que cura ou dá alívio, que seria a chamada bombinha. O lenço no nariz que escorre sempre, daquele alérgico constante, está também presente neste quadro.

Mas o que julgamos mais interessante e mais importante é que, apesar do que ela lança mão para pintar, a respeito de seus problemas, dos problemas sociais, do seu sofrimento, mostrado pela caixa de lenço e pelo próprio pulmão, surge a vida sob a forma da cor nas flores, pintadas dentro de uma estrela, que significa o amor, a felicidade.

Esta pintora se distingue por uma grande característica em relação aos demais, sobre os quais já escrevemos. Isso porque, além do alerta que ela lança contra aquilo que pode fazer mal à vida e ao desenvolvimento de uma jovem como ela própria, ainda expõe dentro do quadro que, apesar de ser asmática, de usar a bombinha, de ter o lenço sempre à mão, ela é capaz de ter a felicidade olhando as flores e também podendo contemplar as estrelas do céu. Ela coloca ainda figuras místicas de discos voadores – que é sempre o pensamento do asmático daquilo que é fora da realidade, daquilo que dá a felicidade fora o próprio corpo –, além de figuras de anjos, pequenos e graciosos, que, sem a postura convencional, brincam numa alegria incontida, o que provavelmente não pode fazer nossa jovem pintora.

No conjunto amplo, ela coloca o seu sofrimento e lança um alerta aos que não o têm – mas podem vir a tê-lo se usarem drogas ou consumirem cigarros. E ainda encontra espaço para dar relevo ao tratamento convencional e, melhor, ainda consegue ver, como todo asmático, apesar de sua tenra idade, que a vida existe, que o anjo não é apenas uma figura no céu a tocar harpa, mas uma figura alegre e festiva, como ela própria gostaria de ser – além de como poderia ser bom sair do sufoco de não ter ar e viajar pelo espaço sideral a bordo de discos voadores! O margeamento do quadro mostra que, mesmo tendo a esperança de todo asmático, a luta que ele executa, ela sofre. Sofre por não poder ser como o anjo que pula, ou como o visitante espacial, pois tem sobre si a carga quase eterna do lenço de papel e do remédio sempre à mão.

Mas não é uma egoísta a nossa pintora, pois, por meio de seu quadro, lança, para aqueles que podem respirar livremente, um apelo: não tapem seus pulmões, não joguem fora a entrada do ar, não joguem fora as próprias vidas.